

## **Memória, Tradição Oral e a Afirmação da Identidade Étnica.**

**SILVA**, Acildo Leite da - UERJ/PENESB

**GT:** Afro-brasileiros e Educação / n.21

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

O presente trabalho é parte do estudo realizado no Mestrado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso cuja proposta foi fazer uma reflexão sobre a importância da tradição oral na resignificação da identidade étnica e na educação e reeducação dos homens e das mulheres negras de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira Capital colonial de Mato Grosso, entre 1752 a 1835, localizada, na Região do Vale da Guaporé, no extremo oeste do Brasil.

Optar pela história oral como uma alternativa de estudo referente à vida social de pessoas, além de mexer no conceito de “personagem histórico”, trabalha, também, com a questão do cotidiano, evidenciando a trilha da história dos “cidadãos comuns” em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente. Caracterizada como história do “tempo presente” é conhecida como *história viva*.

O desafio de um trabalho como este, com fontes orais, está na possibilidade de apreender as tensões entre grupos sociais e os sujeitos individuais nos contextos em que elas são produzida. As fontes orais fornecem, potencialmente elementos que permitem de uma forma muito mais orgânica apreender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas, comportamentos, etc. Apreender tudo isso, significa trabalhar com a complexidade da realidade social.

Em busca da apreensão dessa complexidade social de homens e mulheres negras mato-grossenses é que se definiu, como campo de pesquisa, Vila Bela da Santíssima Trindade. Cidade histórica de Mato Grosso, que viveu mais de um século de sua trajetória um certo isolamento do mundo branco. Desde a sua fundação, em 1752, até os meados dos anos oitenta, do século XX, era constituída por uma população majoritariamente negra, ainda com uma forte oralidade.

A tradição oral constitui um patrimônio predominante junto ao seio dessa comunidade. Através dessa pesquisa permitiu-se conhecer melhor o conjunto de valores sociais, religiosos e educacionais veiculados por esta oralidade, os dados significativos da trajetória histórica dessa comunidade negra urbana, bem como a sua cadeia de transmissão

e de quebra dessa oralidade. E, principalmente como esse patrimônio foi bem utilizado para construir, manter e ressignificar a identidade étnica dessa comunidade.

A identidade étnica aqui esta sendo entendida como um processo identitário (Nóvoa,1992, Hall, 1997) e não como algo constituído,naturalizado ou com bem afirmou Rolnick Guattari (1986), “processo de singularização”. Lévi Strauss ( 1987) já afirmava que o conceito de identidade não deveria ser construído sobre um referente empírico, mas simbólico e cultural, pondo-se em questão não apenas o discurso, mas também o lugar e a ótica de interação com esse discurso.

No que se refere à etnia Stuart Hall define-a “pelas características culturais – língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar – que são partilhados por um povo” (1997 p.67). Pondera que a identidade étnica vai se reconstruindo e reconfigurando ao longo do processo histórico. Não se pode entende-la como algo dado, definido plenamente desde o inicio da história de um povo. Assim, para Hall, o fato de projetarmos a “nós próprios” nas identidades culturais, enquanto internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para vincular nossos sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Retomando a questão da história oral, ela trás à tona elementos que têm permitido compreender como as pessoas recordam e constroem suas memórias bem como tece sua identidade enquanto sujeito étnico. Em se tratando de um método que cria seus próprios documentos, que são por definições diálogos explícitos com a memória do depoente, formando assim um triângulo entre a experiência do passado, o contexto presente e a cultura que se recorda, isso faz com que as fontes orais sejam resultantes de um trabalho da memória.

A organização e a estruturação da comunidade negra de Vila Bela vão ser mediadas e impulsionadas, principalmente, pela “*palavra falada*”, pois é na troca dessas vozes, desses saberes acumulados que se redefine a prática agrícola na região, a ocupação da terra, a redistribuição da produção. Essas atividades ganham um caráter mais coletivo, com vistas principalmente à garantia da sobrevivência de todos, naquele local. Assim, justamente com a redefinição do uso da terra, outro fator importante na construção desse espaço negro

ocorreu com a retomada e manutenção das manifestações religiosas e culturais que tinham no negro o seu agente e sujeito principal.

As irmandades religiosas que tinham o domínio dos brancos foram totalmente esquecidas e abandonadas pelos negros de Vila Bela, como foi o caso da Irmandade do Rosário e do Santíssimo Sacramento. Permanecendo apenas a Irmandade do Divino e de São Benedito, o santo negro da comunidade. Segundo Del Priore isso acontece porque:

*Sendo simultaneamente fenômenos comunitários e hierárquicos elas exprimem solidariedade de grupos sociais subordinados a uma paróquia, reforçando tanto os laços de obediência à Igreja e aos poderes metropolitanos quanto aqueles internos, entre os membros de uma comunidade.* (Del Priore, 1994, p. 23).

Por outro lado, as festas religiosas onde os negros eram os sujeitos principais tiveram sua continuidade garantida e preservada, até hoje, porque os negros de Vila Bela fizeram dessas manifestações um movimento de resistência étnica. Assim, todas as atividades sociais, econômicas, religiosas e culturais que prevaleceram de acordo com as normas e regras impostas pelos negros e de forma comunitária, vieram, cada vez mais, afirmar a identidade étnica peculiar desses negros de Mato Grosso.

Através da tradição oral, os negros de Vila Bela se reeducaram, se reconstruíram, reorganizaram uma sociedade própria, construíram sua identidade étnica e, principalmente, impuseram aos símbolos de arrogância e prepotência do branco colonizador, uma nova sociedade, simples, mas de caráter duradouro, por se encontrar alicerçada nos segredos seculares preservados pela memória coletiva e repassados pela tradição oral.

Leva-se a crer que esta fase da história de Vila Bela foi impulsionada e caracterizada pelo “*fenômeno da voz humana com dimensão que determinava, ao mesmo tempo, no plano físico, psíquico e sócio-cultural*”. (Zumthor, 1993, p.18). Portanto, era uma Vila Bela de “*oralidade primária*”, a qual deixou sua voz ecoar por todo o espaço, refazendo esses planos físicos, psíquicos e sócio-culturais. Refazer esse percurso histórico significou uma tentativa de mergulhar na compreensão dos caminhos por onde essa voz oral ecoou; principalmente quando esse ambiente foi o grande revitalizador e estimulador da tradição oral negra.

Bandeira evidencia que se apossar da terra foi fundamental para que os negros de Vila Bela, no processo de afirmação da sua “*identidade*”, consolidassem sua comunidade étnica. Segundo a autora:

*A comunidade de preto, para a garantia de sua sobrevivência e reprodução, fundava-se sobre uma ordem igualitária, tendo como instrumento de garantia de sua manutenção a cooperação e a reciprocidade. Uma família de pretos precisava contar com outra, para que todos pudessem subsistir. Todas juntas contavam igualmente com a terra, como garantia comunitária de meio de vida. A etnização do território de dentro para fora e de fora para dentro, viabilizou a constituição da comunidade. Como a etnia, o território também era comum.* (Bandeira, 1988, p. 141 e 142).

Observando as concepções religiosas e artísticas dos negros de Vila Bela encontra-se nelas as memórias e a identidade étnica do grupo. Os traços de sua origem africana estão presentes em todo o enredo de suas manifestações artísticas, como por exemplo, na Dança do Congo, representado em homenagem a São Benedito. Nas falas e cantos dessa representação dramática preservam palavras que identificam os guerreiros às etnias africanas. Trazem, também, a memória da religião afro, que fica patente em muitos pontos da dança do congo.

Em uma das falas do Secretário do Rei do Congo fica reafirmado o comprometimento étnico de São Benedito com as batalhas da comunidade negra de Vila Bela, compromisso com a identidade desses negros. Assim, o congo vai defendendo o seu valor étnico ontológico imbuído do orgulho, da beleza e coragem dos homens e da cultura negra dos vilabelenses. Na teatralização da dança do congo a auto-estima étnica é resgatada uma vez que os dançantes são guerreiros negros, livres, ativos e íntegros que se opõem simbolicamente ao estigma do negro escravo, do negro livre humilhado e degredado, inventado pela ordem social branca.

O conjunto dessas manifestações vai corroborar no que concerne à formação da territorialidade negra dessa comunidade. Pois essas tradições culturais vão constituir num elemento importante na definição positiva da identidade negra desse povo. Perpetuando a memória africana, suas crenças, traços e lutas. Ao apossar dessa cultura negra, o povo negro de Vila Bela usou e usa como pressuposto da transformação de uma cultura resistente em uma cultura de resistência do grupo que parece visar atingir ambicioso objetivo social,

cultural, educacional e até mesmo econômico e político, já que prima pela ordem organizacional coletiva.

Essas danças através das músicas, além de retratarem as bênçãos, poder e glória do santo, retratam, também, os momentos da história de vida e do cotidiano dos negros de Vila Bela. Estando sua memória povoada dessas cantigas, que marcam profundamente suas vidas.

A trama da rede de entendimento, nas comunidades de forte tradição oral é fruto do diálogo, tecido pouco a pouco, ponto a ponto pela fala. Assim, através da oralidade vão se conhecendo, se fazendo nos sucessivos encontros e desencontros das diferentes histórias de vidas que foram tecidas por essas vozes, o modo de vida e o conhecimento dessas comunidades. Nesse contexto, todos acabam por viver juntos uma mesma história.

A tradição oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades cria uma rede de transmissão de tipos distintos de conhecimento e de modo de vida. Essa relação de aprendizagem informal é importante na estruturação e consolidação da cultura do grupo. Entretanto, para essas comunidades de oralidade primária e secundária, esses conhecimentos veiculados pela tradição oral têm o mesmo peso e importância que os conhecimentos formais da escola. Isso é mais um forte indício para a escola considerar, também, esses saberes, veiculados pela oralidade, em seu espaço, prática e discurso.

Nessas sociedades as palavras transformam-se em ação. Mais que uma atividade comunicativa, essa relação de cumplicidade contador/ouvinte, nesse ato de contar significa para os envolvidos a partilha de valores que lhes foram e são significativos e semelhantes. E que, acima de tudo, não devem deixar de ser repassados e principalmente preservados.

Essas sociedades primam pelo respeito a essa palavra falada. Porque além dessa cumplicidade coletiva entre os seus membros, nesse ato de contar, circulam palavras que não foram herdadas aleatoriamente, mas sim, aquelas herdadas da cadeia dos ancestrais, os grandes depositários das palavras nas comunidades orais. E, como depositários dessas palavras, os anciãos, além da memória e testemunho vivo dessas sociedades, devem garantir, no ato de contar, a socialização dessas palavras/memórias.

Como detentores dessas “palavras-forças,” termo utilizado por Zumthor, os velhos das sociedades orais têm sua palavra manifestada “*num estilo formular cujo eco se percebe*

*em várias crônicas*”. (Zumthor, 1994, p. 86). Segundo o autor: “*Os veneráveis relatos dos velhos que narram aos jovens em volta os eventos de sua longa vida, de modo a exortá-los à virtude. Virtude e verdade coincidem*”. (Zumthor, 1994, p. 86).

O ato de contar, nessas sociedades, mais do que presentificar a tradição oral, significa, então, transmitir, de boca em boca, todas as experiências que a ancestralidade dessa comunidade adquiriu, em seu caminhar pelo mundo material e imaterial/sobrenatural. Recuperar, pois, essa oralidade estimula os laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam essa memória coletiva.

Para Walter Benjamin<sup>1</sup> essas experiências que passam de pessoa a pessoa revelam uma fonte onde todos os narradores embebedam-se, até porque, no bojo dessas narrativas, encontra-se uma significativa dimensão utilitária. Diz o autor sobre essas narrativas repassadas pelo contador: “*Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida..*”. (Benjamin, 1986, p. 200).

Por isso Benjamin fala de um narrador conselheiro. Um homem que sabe dar conselho e que é capaz de tirar dessas narrativas a sabedoria e envolver de tal forma seus ouvintes nessas narrações, fazendo desse ouvinte, no ato de contar, o seu companheiro de história.

Benjamin fala também de um narrador enraizado no conhecimento popular. Ele se apresenta como um lapidador, que figura entre os mestres e os sábios. Aquele que, na sua arte de narrar, de dar conselho, fala sobre muitas coisas, como um sábio. Nada escapa de sua narração, devendo dominar um acervo de toda uma vida. Com tanta maestria, esse tipo de narrador, conforme Benjamin define, no mundo de hoje, está cada vez mais difícil de se encontrar, pois o homem moderno vem ao longo de sua trajetória histórica desaprendendo beber da sabedoria popular e, principalmente, usar a voz como meio de transmissão desse saber.

Como portadores da voz no mundo, conforme define Zumthor, em sua obra *A Letra e a Voz*, os contadores assumem também, junto às comunidades onde estão inseridos, os

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. “O narrador”. Consideração sobre a obra de Nicolai Leskov, In: *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

papéis de detentores públicos de uma voz, pois como intérpretes dessa voz, sua vocação, além de proporcionar prazer ao ouvido, deve propor, através dela, as virtudes que venham ajudar a manter o laço social da comunidade. São eles que vão alimentar toda essa rede imagética dessas sociedades.

Por outro lado, como porta-voz da tradição oral, a palavra do contador pode contribuir na redefinição do lugar do homem no seu grupo, até mesmo do contador, a que as sociedades de predominância oral destinam o lugar central, conforme apresenta Zumthor:

*A identidade de um intérprete manifesta-se com evidência tão logo abre a boca: ele se define em oposição às outras identidades sociais, que com relação à sua são dispersas, incompletas, laterais e as quais assume, totaliza, magnífica...(Zumthor, 1993, p. 68).*

O contador, para Zumthor, é aquele homem que aprendeu a interiorizar as vozes poéticas, uma vez que para ele “*não há arte sem voz*”. Pela palavra, esse contador vai descortinando, junto aos seus ouvintes, os traços fundamentais de sua cultura, pois, é a voz desse contador, uma vez ritualizada e rescutada, que vai ajudar o público a perceber a unidade do mundo bem como afetar profundamente a sensibilidade e a capacidade inventiva dos homens, dessas sociedades orais.

Por isso, Rondelli<sup>2</sup> fala que, tão importante quanto o papel do contador, é seu ato de contar junto às comunidades orais e observar as formas de produção dessas narrativas. Captar quem produz o quê, para quem e, principalmente, com quais objetivos permite entender os conteúdos dessas narrativas. Diz a autora:

*... Além do processo de socialização pelos valores que estão contidos nas histórias, nas mensagens que elas transmitem, a própria situação de contar história é um momento de socialização, pois propicia a convivência e a troca de experiência entre os participantes do evento. (Rondelli, 1993, p.30 e 31).*

Assim, pois, como uma linguagem teatral, esse ato de contar requer, por parte do contador/intérprete/narrador/porta-voz um domínio no ato da criação desse episódio, bem

<sup>2</sup> RONDELLI, Beth. *O Narrado e o Vivido*. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

como na construção dos seus diálogos, até porque, como diz Rondelli, o ato de contar é um “*processo comunicativo artístico*”, de forte cumplicidade entre os envolvidos. Nessa composição entre contador/ouvinte o velho e o novo se compõem.

No caso de Vila Bela, essa composição foi que garantiu a transmissão e preservação dessa memória. Os contadores, mais que depositários da voz dessa comunidade, foram grandes mestres na arte de narrar seus saberes. Tudo foi ensinado pelo caminho da voz aos vilabelenses. Nada, até como já se referiu, escapou dessa oralidade.

Os mestres da palavra falada narraram aos negros de Vila Bela todos os segredos que eles detinham, por exemplo, sobre: os santos- onde os avós e tiradores de reza ensinavam-, sobre os segredos do nascimento- as avós/parteiras -, sobre os mitos, lendas e “causos” - os contadores de estória -, sobre o mundo natural e sobrenatural- os mandingueiros/feiticeiros e poaeiros - e até sobre os segredos dos livros: os leitores e professores.

Assim, toda a fala em Vila Bela era um ato de ensino-aprendizagem, onde a comunidade fazia questão de manter em sua memória os depositários dessas palavras e até suas próprias palavras. Como depositário da palavra sagrada, os tiradores de reza assumiam junto aos membros da comunidade o papel de elo entre o povo e os seus santos, pois, além de revelar, a todos, a palavra sagrada, eles primavam para que todos aprendessem, desde a infância, essa palavra.

Essas narrativas repassadas pela tradição oral fazem de cada circunstância da vida, em que passam os indivíduos, um ato de ensinamento e de intensa oralidade, pois é uma característica muito peculiar nos contadores, uma vez que eles tiram dessas ocasiões lições que podem marcar profundamente a vida e a mente, principalmente, das crianças. Daí, a necessidade de o contador estar sempre puxando a fonte de onde se alimentou essa tradição: “Ouvi dos antigos, ou meu pai sempre contava, minha mãe, meu avô, minha avó...”.

Para Georges Jeans, as narrativas destinadas às crianças, narradas pela cadeia oral, constituem para elas uma certa imagem social. Uma vez que esses contos ajudam essas crianças a constituir e libertar a fantasia infantil e, ao mesmo tempo, fazer dessa fantasia algo da realidade. Segundo ele, esse rito de transportação da fantasia para a realidade e da realidade para a fantasia é uma necessidade da imaginação infantil. Até porque, o homem faz, durante toda a sua vida, a percepção da imagem que ele tem e do que ele constrói dessa

vida. Essa percepção/construção começa na infância, aí as narrativas assumem papel preponderante, e se alongam para o resto de sua vida.

Diz Jeans:

*Y si los cuentos constituyem en su inmensa variedad, y todos los 'relatos del mundo' com ellos, el espejo en el cual nuestra vida inscribe desde la infancia secretos inalcanzables, los poemas 'realmente nos dejan ver' lo que somos sin nuestra máscaras. (...) También en ella hay, em su doble movimiento de imaginación, cuando puede ser suscitado y mantido, uma espécie de equilibrio, por completo indispensable para que la 'novela familiar' de cada niño, y por consiguiente de cada adolescente y de cada hombre, sea constantemente puesta en duda y reinventada, en ese plano del lenguaje como em todos los demás.* (Jeans, 1990, p. 169, 170).

Diante dessa necessidade que as crianças têm de se ligarem ao mundo via imaginação, então, diz Jeans que a educação formal que se tem hoje ainda não compreendeu e muito menos aprendeu aquilo que os contadores das sociedades orais faziam e fazem muito bem: a arte de contar. O contador ainda não chegou à escola. Os educadores, precisam aprender com os contadores a explorar mais a imaginação infantil, pois, apesar das diferenças que todo ser humano apresenta, as narrativas liberadas pelos contadores permitem a todos uma mesma escuta. Até porque “*el momento del cuento es un momento en el que la escucha coletiva siempre és unánime*”. (Jean, 1990, p.178).

Os educadores das escolas precisam atentar-se para essa arte tão importante à própria história da humanidade. Mesmo que a atual cultura não tenha mais espaço para o contador, a escola deveria ser esse espaço onde a arte de contar pudesse ser mais um dos mecanismos na formação do imaginário dos indivíduos. Assim, todo o processo de aprendizagem da escola seria menos doloroso e mais prazeroso, se o educador aprendesse a adquirir o hábito de imaginar, principalmente, o que as palavras querem dizer. As sociedades orais compreendiam essa função e por isso, tinham os seus contadores e davam-lhes todo crédito e respeito.

Precisa-se resgatar para a escola o ato de contar e os seus contadores, pois as crianças de hoje jamais escutaram os contos como as do passado. Isto porque a escola transformou-se num espaço mudo, sem escutar a voz da tradição. Ela tem condenado as crianças à

renunciarem essa capacidade de ver o mundo pela imaginação, uma vez que tem primado por uma escrita muda. Daí, o apelo de Jeans, de que deveria atentar:

*mejor cómo una 'pedagogia de la palabra' podría contribuir a proponer a los niños una conquista por sí mismos de esta doble aventura que construye el espacio y el tiempo imaginarios, es decir, el espacio y el tiempo reales si, como lo afirma Sartre, 'lo imaginario representa a cada instante el sentido implícito de la realidad.* (Jeans, 1990, p.16).

A escola, ao ensinar à criança o escrito como mecanismo de aprendizagem da leitura e também da escrita, ignora que, até então, essa criança foi e é o que as palavras lhe disseram ser, pois, cada palavra falada foi um passo rumo ao descobrimento significativo e profundo na construção dessa pessoa. Ela é resultado das palavras que lhe foram ditas. Então, os pedagogos precisam aprender com os contadores a trazer para a escola essa “pedagogia da palavra falada.”

Deste modo, todos esses artistas da voz, portadores de uma sabedoria popular contribuem na construção desse laço social, conforme definiu Zumthor, e na alimentação do imaginário do homem vilabelense. Como pilar dessa sociedade, a voz desses contadores tem ecoado até hoje, não com tanta força e tanta significância como no passado, no seio da comunidade negra de Vila Bela.

Pois, como detentores dessa ancestralidade e testemunho dessa memória viva, no transcorrer desse trabalho depara-se, em Vila Bela, com muitos mestres da arte de narrar. Guardiões de toda uma sabedoria que a contemporaneidade atual recusa dar-lhe um lugar. Esses contadores estão à espera daqueles que ainda preservam a paciência de ouvi-los. Aqueles que queiram aprender com eles tudo o que seus ancestrais lhes ensinaram.

Pela tradição oral os negros, aqui na América, reterritorializaram o corpo/*corpus* africano ou de origem africano, os signos culturais e textuais e também toda a complexa constituição simbólica fundadora de sua alteridade, cultura, lingüística, diversidade étnica e de sua história. A oralidade africana inseminou o *corpus* simbólico europeu, engravidou as terras das Américas e essa gravidez gerou na região do Vale do Guaporé em Mato Grosso: Vila Bela da Santíssima Trindade.

Com os ancestrais vieram suas divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade lingüística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural e suas diferentes formas de simbolização do real. Essas culturas negras, que matizaram as terras da América, tiveram os seus amparos nas tradições e memória oral africana com todos os outros códigos e sistemas simbólicos escritos e/ou ágrafos, que se confrontaram. E também, pela via dessa oralidade teceu-se a identidade afro-brasileira. Identidade esta que pode ser pensada como um tecido e uma textura, nos quais as falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais e do processo dinâmico de interação com o outro, transformaram-se e ritualizaram-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridade negra brasileira.

Essas falas, vozes de timbre africano, traçaram um longo caminho em Vila Bela. Percorrer essa complexa tessitura discursiva desses negros é que se almeja traduzir, em parte, ao longo desse trabalho. Depreender como essas vozes, em Vila Bela, foram reterritorializando e ressignificando os espaço da cidade e da roça, os rituais de nascimento e trabalho e os ícones religiosos cristãos, ressignificando-os de novas conotações semânticas. Em suma, evidenciar como foi educando e reeducando homens e mulheres dessa região. Nessa via de leitura, é importante ressaltar que o santo reveste-se de instigantes significados, pois as divindades cristãs tornam-se transmissores da religiosidade africana. Essas vozes também recriaram um mundo sobrenatural, patrimônio oral importante, também, na educação do homem vilabelense.

Nos circuitos dessa linguagem oral, na qual a palavra adquiriu uma ressonância singular investindo e inscrevendo o sujeito que a manifesta ou a quem se dirige em um ciclo de expressão, poder e educação, formou essa pedagogia da oralidade. Nesse circuito, da tradição, que guarda a palavra do ancestral, e no da transmissão, que a ritualiza e movimenta no presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e performance, índice de sabedoria e educação. Essa oralidade tornou-se/torna-se uma pedagogia porque, constantemente, reedita/reeditou esse saber na performance do contador/narrador e na resposta coletiva.

Em comunidades como a de Vila Bela, caracterizada de forte tradição oral, a palavra proferida é investida de um poder de realização, isto porque essa palavra vem imbuída de

hálito, de vida, da carga emocional, da história pessoal e do poder daquele que a profere, ao contrário do texto escrito, que guarda a palavra oferecida circunstancial e solitariamente a seu leitor, que com ela estabelece ou não vínculo de prazer, de saber e de reescritura. Já a palavra oral existe no momento de sua expressão, quando articula a sintaxe contígua através da qual se realiza, fertilizando o parentesco entre os presentes e os antepassados.

As palavras que fertilizam/fertilizaram todos os espaços de Vila Bela, tiveram/têm nos anciãos sua fonte vital. Como depositários das palavras vivas e sagradas esses contadores/narradores fazem da transmissão oral uma técnica para ensinar; ensinar um *modus vivendi* para a comunidade negra vilabelense. Como um sistema dinâmico de aprendizagem, no circuito dessa linguagem oral, proferir uma palavra, uma fórmula é acompanhá-la de gestos simbólicos apropriados e pronunciados no decorrer de um ritual dado. A palavra oral, assim, realiza-se como linguagem, conhecimento e fruição porque alia sua dicção e veridicção a outras técnicas de dinâmica de expressão, tais como: a música, o gesto e a dança.

Através dessa pedagogia da oralidade homens e mulheres de Vila Bela transformam o espaço dessa cidade em comunidade negra, recuperam práticas culturais consideradas próprias e específicas na e para expressão de sua identidade étnica. Cercam-se de uma memória coletiva que primou por um delinear a partir das decisões coletivas, com troca de experiências, com o compartilhamento do vivido, procurando sempre por um modo de vida que aponta para um refazer comunitário.

Esta oralidade permite e coloca negros e negras de Vila Bela no centro de seu processo histórico. Como atores principais dessa dinâmica histórica para a formação da identidade étnica local tomam a frente de seu destino que mesmo advindo de uma condição de negros escravos, que na fase de reterritorialização usou a voz ancestral para matizar tempo, espaço e história, esses negros e negras inscreveram a liberdade como dimensão de sua negritude. Como palavra seminal com força numinosa, no reino híbrido da linguagem, essa oralidade ecoou até o tempo presente a educação, a diversidade do humano e da cultura dos vilabelenses.

Levar em consideração a tradição oral como produção de linguagem e conhecimento significa depreender o homem como produtor de texto, autor de sua palavra. Significa,

também, buscar outras concepções para a compreensão desses sujeitos advindos ou inseridos em comunidades de oralidade primária ou secundária, bem como suas relações com o aprender. A necessidade de entender essas relações, social e culturalmente determinadas, encaminha-se a romper com a visão a-histórica de homem, proposta por um modelo que se perpetua na historiografia e educação ocidental. Isso se leva à indagação: como romper com as definições cristalizadas, nas quais o sujeito deixa de ser visto em espaço e tempo definido, singular? Acredita-se que um dos mecanismos é recuperando sua voz, que é uma realidade plural, e assegurando na escola uma pedagogia da oralidade.

Trilhar o percurso da história e da tradição oral, desses negros, é como se afastar das configurações deterministas condicionadas aos padrões da normalidade. Buscando a constituição da subjetividade desses indivíduos que têm voz, têm um papel social e que apreendem significados através de sua inserção em um mundo definido culturalmente, compreende-se que o seu desenvolvimento é um processo dialético complexo, caracterizado pelo entrelace da sua oralidade e de suas interações sociais. Desse modo, é possível falar do negro de Vila Bela por meio do seu processo de singularização, aspectos esses que se aproximam muito mais de uma certa plenitude do que de suas possíveis “faltas.”

Na cultura oral o conhecimento tem que ser produzido em voz alta, senão ele logo desaparece; é preciso despende uma grande energia para dizer repetidas vezes o que é aprendido arduamente através dos tempos. Como conhecimento valioso à sociedade tem, então, em alta conta àqueles anciãos e anciãs, sábios que se especializam em conservá-lo, conhecendo e podendo contar as histórias dos tempos remotos. Já o conhecimento da cultura escrita, que está armazenado fora da memória humana, deprecia as figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor de descobridores mais jovens de algo novo.

Enquanto que nas culturas orais há uma conceituação e uma verbalização de todo o seu conhecimento com uma referência mais ou menos próxima ao cotidiano da vida humana, a cultura escrita acaba por distanciar, de certo modo, até mesmo o ser humano, discriminando e tornando todas as coisas tão abstratas, neutras, inteiramente desprovidas de um contexto de ação humana.

Então, nessa pedagogia da oralidade, conforme se reitera em muitos pontos desse trabalho, o aprender ou o saber significa atingir uma identificação íntima, empática, comunal com o conhecido, e conforme Havelock “*deixar se levar por ele.*”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Maria de Lurdes. *Território Negro em Espaço Branco*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. Consideração sobre a obra de Nicolai Leskov, In: *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I – Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo:Brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martin Fonte. 1990.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa:Publicação Europa-américa, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhias das letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. A memória. In: *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

DEL PRIORE, Mary. *Festa e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HALBAWCHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

HAMPATÉ Bâ Amadou. A Tradição Viva. In: Ki-Zerbo. J. *História geral da África: metodologia e Pré-história*. São Paulo: Ática/UNESCO.

JEAN, Georges. *Los Senderos La Imaginación Infantil: los cuentos. Los Penas. La Realidad*. México. Fondo de Cultura Econômica, 1990.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Na Trama do Cotidiano. In: *Cadernos do CERU*, nº 5. Série 2. 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo:LOYOLA, 1996.

\_\_\_\_\_. Definindo História Oral e Memória. In: *Cadernos do CERU* nº 5 Série 2, 1994.

ONG, Walter. *Oralidade e Cultura Escrita: A tecnolização da palavra*. Campinas:Papirus, 1998.

OLSON David & TORRANCE Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade*. São Paulo: Ática, 1995,

ROSÁRIO, Lorenço Joaquim da Costa. *A Narrativa Africana de Expressão Oral*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

RONDELLI, Beth. *O Narrador e o Vivido*. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

VANSINA, Jean. A Tradição Oral e sua metodologia. In: *História Geral da África - Metodologia e Pré-história de África*. São Paulo: Ática / UNESCO.

ZUNTHOR, Paul. *A letra e a voz. A literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.